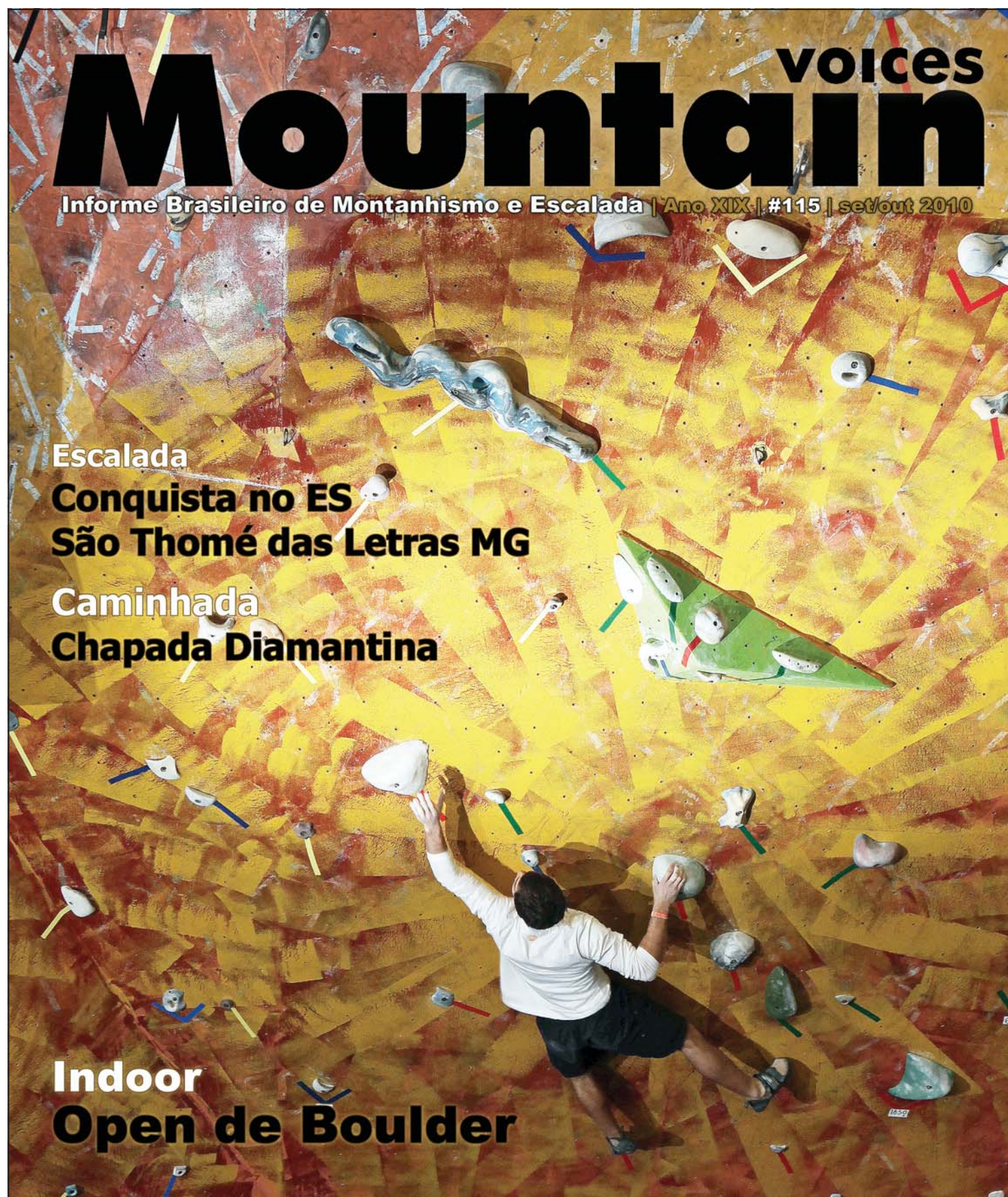




SNAKE

reach the top

www.snake.com.br

COMPROMISSO COM GARANTIA

DRY STONE Trekking

ANHANGAVA Climbing

3X Trail running

TECNOLOGIAS

SympaTex®

CORDURA®

vibram®

The advertisement shows three different styles of Snake brand shoes. The DRY STONE Trekking shoe is a brown and black hiking boot. The ANHANGAVA Climbing shoe is a black and yellow climbing shoe. The 3X Trail running shoe is a grey and black trail running shoe. The background is a light grey gradient.



Vestuário



Mochilas



Sacos de dormir



Acessórios



Para sua aventura urbana
resistência no uso intenso

Mochila Campus 33
CONFORTO E PROTEÇÃO

Leve seu notebook de maneira elegante e discreta, e muito bem protegido, para o trabalho, faculdade ou academia. Espaço protegido para notebook e ampla área para livros e cadernos. Um segundo bolso amplo serve para levar acessórios, como carregador, mouse, etc. Suas alças são escamoteáveis, ficando ocultas caso queira usar como maleta, e vem com alça de ombro, de uso opcional.

Pasta Commuter
RESISTÊNCIA E CONFORTO

Oferece proteção e conforto para levar seu laptop e também material de faculdade. Divisões para Celular, MP3, documentos, canetas e prendedor de chaveiro. Vem ainda com abertura para fone de ouvido. Bolso traseiro é um compartimento flexível, podendo ser usado como bolso ou como prendedor para mala de alça.

R. Fernando Luz Filho, 112 - Meudon - Teresópolis- RJ - CEP 25954-195
(21) 2742-9652 - Fax (21) 2742-5781 - sac@trilhaserumos.com.br - www.trilhaserumos.com.br

www.trilhaserumos.com.br

Internacional

GRAZIELA OLIVEIRA | RJ



Erik no Everest

Cego no cume do Alpamayo

Erik Weihenmayer (touchthetop.com) recentemente completou a primeira ascensão de um cego ao Alpamayo, uma impressionante montanha nos Andes peruanos, com 5947m pés. Weihenmayer escalou o amigo Eric Alexander e ainda com o guia peruano Rodrigo Callupe. Ao

invés de gastar tempo na aclimação, os escaladores nos dirigimos imediatamente acima da montanha, a criação de campo de 18.200 pés. Weihenmayer já tinha começado a sentir os efeitos da altitude elevada (e água de gado contaminado). A partir do impulso na cúpula 01h30, a equipe entrei na neve fresca e depois de dez arremessos de escalada técnica. Em aproximadamente 11 horas, os alpinistas chegaram ao topo e rapidamente se virou para o acampamento alto, onde Eric acordou com edema pulmonar por decorrência da altitude. A equipe desceu rapidamente a montanha, onde Eric foi atendido e se restabeleceu.

Weihenmayer, ficou cego aos 13 anos, escalou o Everest e El Capitan. Completou ainda os Sete Cumes, e competiu no Primal Quest, uma corrida de aventura notoriamente difícil. Com Mark Wellman, o primeiro paraplégico a subir El Cap, e Hugh Herr, amputado uma perna duas vezes e cientista de Harvard, fundou a "No Barriers", sem fins lucrativos e com o objetivo de ajudar as pessoas com deficiência alcançar seus objetivos.

Copa do Mundo de Boulder 2010

m Munique, Alemanha nos dias 30 e 31 de julho ocorreu a final da Copa do Mundo de Bouder da IFSC - Federação Inter-



Akiyo Noguchi

nacional de Escalada Esportiva. No feminino, a austríaca Anna Stöhr deixou o título por uma agarra para a japonesa Akiyo Noguchi. Já no masculino, campeão de Dificuldade em 2009, Adam Ondra foi o campeão, seguido do austríaco Kilian Fischhuber.

Veja como ficou a colocação final: Masculino

- Adam Ondra (CZE)
- Kilian Fischhuber (AUT)
- Tsukuru Hori (JPN)

Feminino

- Akiyo Noguchi (JPN)
- Anna Stöhr (AUT)
- Chloé Graftiaux (BEL)

Para maiores informações, acesse <http://www.ifsc-climbing.org/>

Duas mortes no Grand Teton

Dois mortos e mais de uma dezena de feridos marcaram os últimos dias no Par-

que Nacional Grand Teton, no Wyoming, Estados Unidos, ao sul do Yellowstone National Park. Na terça-feira, dia 03 de agosto, a estudante da Universidade de Michigan, Jillian Drow, 21, caiu ao descer a 3.902 metros. Equipes de resgate recuperaram o corpo dela na quarta-feira, e ainda não estão claros sobre os detalhes sobre sua morte.

Horas mais tarde na quarta-feira, 04 de agosto, uma tempestade de relâmpagos forçaram um enorme resgate. O segundo acidente ocorreu quando Oldenkamp Brandon, 21, de Sanborn, Iowa, caiu durante a subida em razão de ter sido atingido por um raio. A tempestade provocou uma emergência envolvendo 83 pessoas trabalhando para resgatar 16 alpinistas feridos antes de escurecer. Um porta-voz do hospital St. John's, disse que três alpinistas ali permaneceram quinta-feira, mas estavam em bom estado.

ThermoSkin®

Underwear térmico

SUA SEGUNDA PELE

♂♀

Características

- Absorve a umidade do corpo
- Mantém o equilíbrio térmico
- Modelagem anatômica
- Costuras planas

Como funciona



Dispersão de suor e de ar quente

Canais microporosos

Absorção de umidade

Retenção do calor corporal

Proteção contra vento

Toque aveludado



Consulte também os modelos em tamanho GGG
www.curtlo.com.br

Felipe Camargo - Escalador
Atleta apoiado CURTLO



CURTLO
Aonde você for!



X-Thermo®
HIGH TECHNOLOGY FOR BEST PERFORMANCE

SILVER

**+ TECNOLOGIA
A SERVIÇO DO SEU CORPO.**

Agora com nanopartículas de prata que inibem a proliferação de bactérias associadas ao odor do suor.

SOLD

www.x-thermo.com.br

JÁ MAIS LOUÇA



CBME combate emendas ao PL 7288/201

CBME envia ofício a deputados da Comissão de Turismo e Desporto. Emendas sugeridas ao PL 7.288/10 tiram a autonomia dos esportes amadores.

ASSESSORIA DE IMPRENSA FEMERJ

A Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada (CBME), que congrega as Federações de Montanhismo dos Estados e clubes de montanhismo do país, enviou em julho, um ofício ao deputado Walter Feldman, relator do Projeto de Lei (PL) nº. 7.288/2010 e aos demais deputados que compõem a Comissão de Turismo e Desporto. A CBME manifesta neste documento a rejeição às emendas sugeridas pelo deputado Marcelo Teixeira, as quais tiram a autonomia dos esportes amadores. A Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro (FEMERJ) também divulgou uma mensagem pela sua lista de discussão, que tem mais de mil pessoas inscritas, explicando este assunto e solicitando a quem for contra as emendas que envie mensagem ao deputado Walter Feldman. Não concordamos com estas emendas e desejamos que o texto seja aprovado como saiu do Senado. Como diz a mensagem que estamos enviando aos deputados, entendemos que são as entidades esportivas as responsáveis pelas técnicas, pela formação dos montanhistas e pela escolha dos equipamentos que utilizamos. No mundo inteiro é assim?, esclarece Bernardo Collares, presidente da FEMERJ e vice-presidente da CBME.

Este PL, do deputado Efraim Moraes (que inicialmente tinha o nº. 403/05), estabelece normas para a prática de esportes radicais ou de aventura no país e foi aprovado no Senado Federal no dia 11 de maio de 2010 (<http://www.camara.gov.br/sileg/MontarIntegra.asp?CodTeor=767003>). No Artigo 1º, fica esclarecida a diferença entre esporte de aventura e esporte radical. As regras para a certificação da prestação de serviços e dos equipamentos utilizados nas duas modalidades, ficam a cargo da entidade da administração do desporto.

O texto do Projeto de Lei que saiu do Senado vai ao encontro do que determina a Constituição Brasileira de 1988, que em seu o artigo 217 proclamou a autonomia das entidades desportivas quanto a sua organização e funcionamento. Em 1998, a Lei Geral do Desporto Brasileiro (Lei Pelé) reafirmou o princípio da libertação do desporto da tutela do Estado, isto é, atletas, entidades de prática desportiva e entidades de administração do desporto são livres para organizar a sua administração e a atividade profissional de sua modalidade.

No dia 30 de junho deste ano, Silverio Nery, participou de uma audiência pública em Brasília, convidado pelo deputado Silvio Torres, na qual falou sobre o Montanhismo Tradicional e sobre a nossa organização. "Tive a oportunidade de expor a posição da CBME, que foi objeto de muita atenção pelos presentes, em especial pelo deputado Walter Feldman" conta Silverio. Apesar da aprovação no Senado, o PL 7.288/2010, recebeu emendas do deputado Marcelo Teixeira, as quais descaracterizam completamente o texto aprovado em maio de 2010. As emendas restringem a aplicabilidade da Lei às atividades praticadas fora do âmbito comercial. No ofício, a CBME lembra o comportamento ético e ambientalmente consciente praticado pelos montanhistas filiados à Confederação. O Montanhismo é praticado no Brasil há quase um século. No livro "História do Montanhismo no Rio de Janeiro" dos Primórdios aos anos 1940", de Waldecy Mathias Lucena, dois fatos são considerados os marcos da atividade no país: a conquista do Dedo de Deus (montanha situada na cidade de Teresópolis - Parque Nacional da Serra dos Órgãos), em 1912, e a fundação do primeiro clube de montanhismo da América Latina, o Centro Excursionista Brasileiro (CEB), em 1919.

Outras associações do segmento esportivo de aventura também estão enviando manifestos ao relator do PL, deputado Walter Feldman, e mobilizando seus associados para expressarem o seu descontentamento com as emendas apresentadas. Cláudio Consolo, advogado especialista em Direito Esportivo, fundador, ex-presidente e atual advogado da Associação Brasileira de Parapente-ABP, move ação judicial contra as regras da ABNT desde 2006. Nesta ação, além da ABP estão as entidades nacionais do Mergulho, Orientação e Para-quedismo que também não concordam com o que vem sendo feito com os esportes de aventura. Ele esclarece que todas elas estão movimentando seus associados para pressionarem os deputados a não aceitarem as emendas ao Projeto de Lei, que na sua opinião nada mais são do que a tentativa de legalizar as distorções protagonizadas pelo Ministério do Turismo. Cláudio ainda alerta que se por falta de compreensão dos parlamentares estas emendas forem aprovadas e virarem Lei, ainda restará às entidades do segmento combatê-las através de



Silvério Nery no centro da mesa, com Walter Feldman à sua direita, e logo em seguida, Claudio Consolo da ABP.

Ação Direta de Inconstitucionalidade - ADIN e ações judiciais ordinárias, pois ele entende que ferem de morte o "Princípio Constitucional da Autonomia da Administração Esportiva e os ditames da Lei Geral do Desporto Brasileiro (Lei Pelé)?: "Mas melhor do que combater uma Lei viciada e enfrentar anos de luta no Poder Judiciário é exigir que os Parlamentares produzam um texto de Lei adequado, coerente e que respeite os Princípios Constitucionais basilares que regem o esporte brasileiro", conclui Cláudio.

A CBME convoca todos os seus associados a enviarem uma mensagem ao deputado Walter Feldman (dep.walterfeldman@camara.gov.br) se posicionando contra as emendas apresentadas ao PL nº. 7288/2010, pelo deputado Marcelo Teixeira.



ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL

WWW.GRINGAAGARRAS.COM.BR

COMPRE DIRETO PELO NOSSO SITE!

agarras training systems

Finger board TENDON Lançamento!

TEL: (11) 7122.1271

Curso de Escalada
Conte com a experiência de nossa equipe e aprenda a escalar com tranquilidade e segurança com quem está no ramo há mais de 20 anos

Guias de Montanha
Pedra do baú, Itatiaia, Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais Rio Grande do Sul, Nordeste e centro-oeste

Expedições
Escale as paredes mais alucinantes do planeta ! Treinamento específico para big walls e escalada tradicional Expês para Yosemite, África, Espanha e México

Abrigo
Pertinho da Pedra do Baú, seu campo base para escalar e caminhar na Mantiqueira



MONTANHISMUS
Escola de Escalada em Rocha

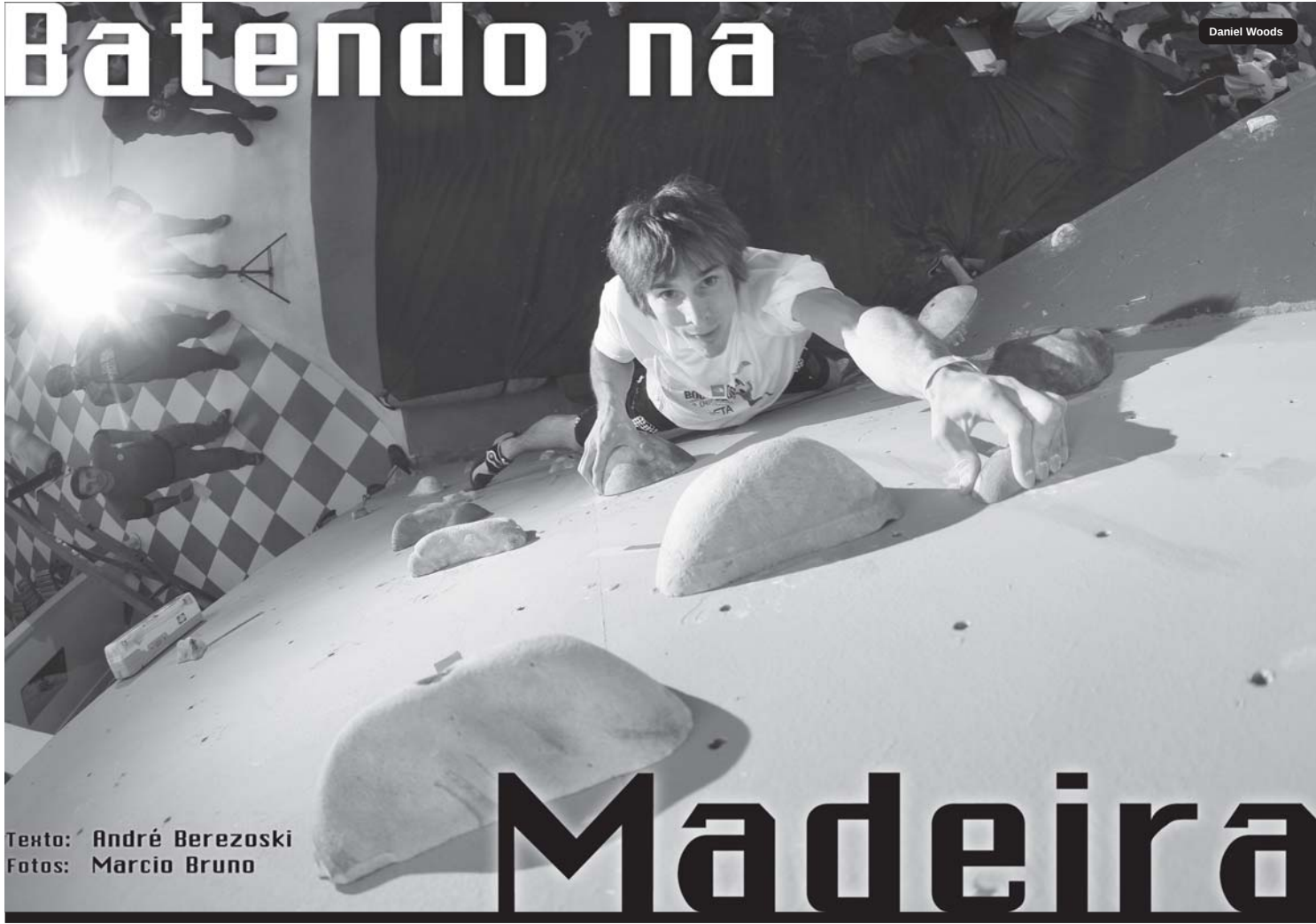
Curso Básico e Avançado Móvel - Big Wall - Conquista Abrigo de Montanha
(12) 3971.1470
São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br

USAMOS O MELHOR: SOLO deuter SNAKE



HI-TEC®
ENJOY OUR SHOES

www.hi-tecbrasil.com.br



O segundo semestre de 2010 se inicia,e após seis etapas já temos um novo campeão mundial de boulder, Adan Ondra. A Copa do Mundo de Dificuldade já deu a largada, a Copa do Mundo de Futebol acabou e, por incrível que pareça, aqui no Brasil aconteceu apenas um campeonato até a presente data, será o ano recorde do mínimo de competições realizadas? Batam na madeira, por favor. Na verdade, bateram na porta do norte-americano Daniel Woods, apelidado aqui no Brasil de Sr. Madeira, para que viesse ao Brasil, e foi por meio do ginásio Campo Base e da empresa North Face, que foi realizada uma das mais importantes competições no país nos últimos anos.

A verdade é que esta competição veio para salvar o cenário, no momento exato onde tudo anda em banho-maria dentro da área esportiva, se comparado há anos anteriores. Em sete meses, o North Face Open de Boulder se converteu em uma competição que conseguiu reunir várias gerações, e em diferentes áreas de atuação dentro do mesmo evento e, de quebra, trazer nada menos do que um escalador que melhor representa a modalidade no seu nível máximo, Daniel Woods.

Este jovem de recém cumpridos 21 anos,

encadenou praticamente todos os boulders mais difíceis até a ocasião, possui uma visão futurista para projetos e boulders de extrema dificuldade, além de se tornar um competidor muito focado e com um nível capaz de bater até os mais experientes e já consagrados campeões mundiais dentro do circuito internacional. Porém, a oportunidade de estar competindo com competidores sul-americanos, onde travamos uma batalha a altura, como foi em Pucón 2008 (Chile), onde o pódio seguiu com César Grosso em 1º, Belê em 2º e Woods na 3ª posição, serviu de muita motivação para que nos anos seguintes Woods enxergasse nossa escalada como um desafio sempre a ser batido que, por sua vez, realizou em 2009 e 2010; por mais que seu nível tenha se calibrado para as competições fora dos EUA, os escaladores brasileiros lutaram até o último boulder, movimento e segundos de cada problema, não deixando nada a desejar sobre o nível atual.

A diferença, todo mundo já sabe e estamos cansados de escutar: patrocínio, estrutura, profissionalismo. Todos são fatores determinantes para se chegar ao topo, mas Woods este ano chegou ao topo de uma forma muito estratosférica, acaba

de mandar “The Game” proposta de V16, além de inúmeros V14s e afins, arrebatou em 3 finais de semana seguidos de competições, o “The Battle in the Bubble”, uma competição acirrada nos EUA e, de



quebra, venceu com folga a etapa da Copa do Mundo de Boulder dos EUA e no Brasil o The North Face Open de Boulder, em Curitiba.

Como fui um dos route setters para esta etapa, nosso correspondente direto do EUA, Felipe Camargo, nos mantinha abastecido de informações sobre o “Sr. Madeira” nas competições e treinos semanais, para a nossa dura missão de montar boulders que atendessem todos os níveis, pois todos os grandes nomes da escalada nacional estariam em peso e com muita gana e nível para competir e, acima de tudo, gerar um grande espetáculo ao público presente. Para esta missão, o repertório de todos os route setters foi colocado à prova: 3 dias de montagens, sistema de pontuação e detalhes deu tanto trabalho, que tudo foi concretizado poucos minutos antes do início da competição.

A Competição

O sistema utilizado neste evento foi o de festival de boulder na primeira fase, onde todos os níveis de escaladores se esbaldaram e deixaram as mãos vermelhas “ao Sugo” de tanto escalar nas quatro horas de duração, definindo o pódio feminino que teve como vencedora a



escaladora Thaís Makino, seguida de Andréia Rissi e da americana e noiva de Woods, Courtney Sanders. E os 10 melhores resultados no masculino disputariam a grande final. Final esta, que foi emocionante a cada escalador, cada agarra e público, com a casa cheia vibrando, como há tempos não se via numa competição.

Após três boulders, com 5 minutos de tentativas, intercalados com 5 minutos de descanso, todos os 10 escaladores provaram as linhas da final e o resultado foi que Woods acabou levando a competição com dois boulders encadenados e tocando na última agarra do terceiro e último boulder, em um domínio mais típico da modalidade, que foi isolado e testado de tênis pelo mestre deste tipo de movimento, Flávio “Juquinha” Canteli. Cesinha finalizou a prova em uma disputa muito acirrada com Woods, com dois tops, porém, o segundo boulder, com duas tentativas. Em terceiro fechou a prova Jean Ouriques, provando o alto nível da competição, que só se definiu

no último escalador no último boulder nos últimos segundos da competição. Woods venceu, mas suas expressões de nervosismo só foram superadas somente pela excelente forma que se encontra atualmente, resultado de dois meses dedicados somente a treinos em ginásio, em sessions de 6 a 8 horas diárias, 6 vezes por semana, abdicando até da escalada em rocha. Forma física esta que pode ser comprovada após esta competição e em mais uma semana de boulders na rocha em Ubatuba e São Bento do Sapucaí.

Na rocha de Ubatuba

Desde que começamos a fundo com o boulder, principalmente em Ubatuba, que se converteu em um point-referência, a escalada nacional evoluiu e cresceu por conta própria, experiência própria e muita intuição, desde começar a classificar em “V” até chegar a uma graduação equivalente com a modalidade mundial, mas sempre pairava no ar sobre a real classifi-

cação das linhas até então abertas por todo o Brasil, e apesar de muitos especialistas em boulder frequentarem locais clássicos ao redor do mundo para se ter um parâmetro, nosso desejo sempre foi que um nome com uma bagagem alta pudessem experimentar e classificar com exatidão qual é o nível real que temos nas mãos atualmente. Eis que de quebra, não só conseguimos esta personalidade, mas sim, alguém que se encontra no auge de sua carreira, e que tem em seu currículo mais boulders em várias partes do mundo, do que toda uma frota de carregadores da rodoviária de São Paulo possa carregar. Comprovando 95% das graduações e elevando a graduação de linhas na casa do V4 até V7, o que nos leva a um certo conforto por saber que não estamos supercotando as linhas.

Em sua passagem por Ubatuba, ele se surpreendeu com o point e com a qualidade da rocha e dos boulders, e apesar de ter feito muita força em algumas linhas, somente dois dias foram suficientes para encadenar:

- Os Bacanas SDS V13
- Jericó V11/12
- Carlinhos in the House V12 (a vista)
- Mal do Nome V9
- Mal do Sobrenome V10
- Entre todos outros mais fáceis.

O restante do tempo, Woods usou para nos mostrar seu segredo, 3 xícaras de café pela manhã (não tão manhã assim), não comer nada durante o dia todo, a não ser rocha e magnésio, e jantares recordes de comida ingerida.

São Bento do Sapucaí

Em São Bento, a grande expectativa era obviamente “O dia Santo”, por uma simples questão, ele curtiu demais o vídeo realizado pelo Carlos Eduardo “Dudu”, e se encantou pelo bloco e pela linha ainda nos EUA. Aquecido e com uma pequena plateia assistindo e gravando, Woods já em sua primeira tentativa cai no final, isola os movimentos finais muito sólidos, passa magnésio e sem descansar entra de novo, mais uma queda no final, mais um pouco de magnésio, sol do meio dia deixando as condições escassas para a cadena, mas em menos de 2 minutos ele já está na parede do novo, desta vez para completar a linha, resumindo o que levamos meses para conseguir encadenar, para 10 minutos e 3 tentativas, confirmando a graduação dada por Felipinho de V13 e 4 estrelas para o boulder. No mesmo dia, seguimos para o setor Bigode, onde a escalada se estendeu até a noite em uma motivação e energia sem precedentes e sem descanso, e o resultado foi:

- The Power of Minduin V13 FA
- Salinas V12
- Glass Boy V11
- Virilha Completa V10

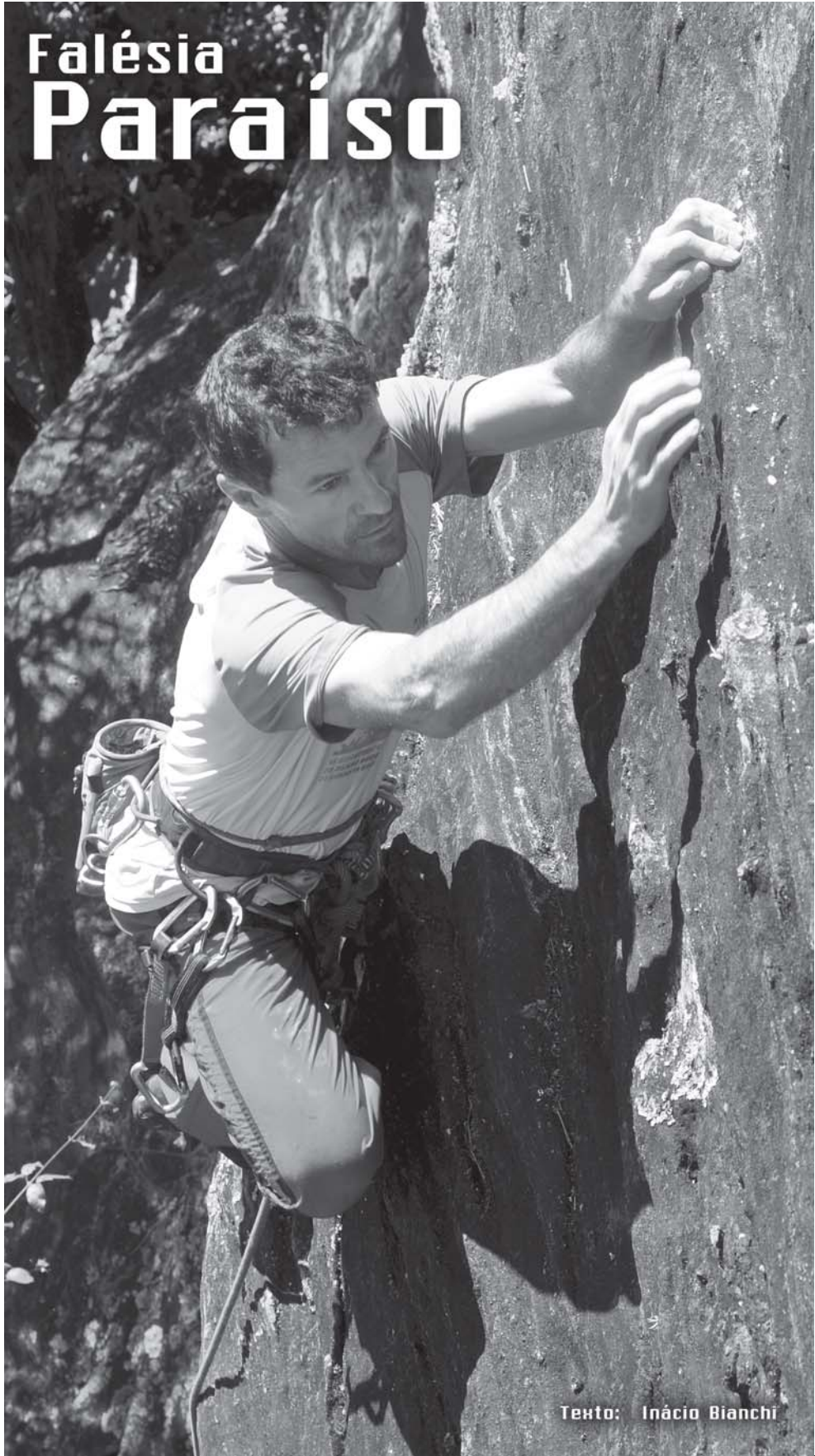
· E outros...

Dia seguinte, no setor Aranha 1, concretizou o “calibre 12” V11 (que, lamentavelmente, 3 semanas depois teve suas agaras arrancadas em um ato de vandalismo e covardia extremas sem precedentes na escalada nacional). Apesar de nossa insistência para que provasse alguns projetos, o tempo apertado para voltar ao aeroporto no horário e o dia anterior deram uma canseira no Sr. Madeira.

Este foi um capítulo a parte que entrou para a história do boulder no Brasil, motivado pelo fim das formalidades e pressão das competições, e afastado por dois meses da rocha, Woods simplesmente nos deu uma aula de como se faz. Suas cadenas, além de rápidas ou a vista, demonstraram uma potência jamais vista por nenhum dos presentes até então, uma solidez excepcional e, acima de tudo, o que mais marcou foi sua motivação pela escalada em si, independentemente do grau ou local, focou nos boulders clássicos e dos “V”de altos dígitos, mas escalar um V2 ou um V13 para ele tinha o mesmo significado: o prazer pelo boulder em si, pela escalada. Sua beleza, formação e movimentos eram o que mais lhe satisfazia, se mandasse ou não, também não fazia diferença, sua motivação está além, curtir um dia de escalada rodeado de amigos, boa comida e diversão nos mostrou uma sintonia e um balanço perfeito entre o compromisso e o prazer constante, aumentado ainda mais a motivação dos que estiveram com ele nessa trip incrível.

André “Belê” Berezoski
www.bele.com.br

◀ Rafael Passos.
▶ Pódio com Daniel Woods em primeiro lugar, Cesar Grosso em segundo, Jean Ouriques em terceiro e Rafael Passos em quarto.
◀ Jean Ouriques.



Falésia Paraíso

Texto: Inácio Bianchi

Um novo pico de escalada no Vale do Paraíba

Esta matéria pretende apresentar ao leitor o mais recente local de prática de escalada esportiva em rocha do estado de São Paulo, a Falésia Paraíso, localizada em Pindamonhangaba, no vale do Paraíba, próxima à rodovia Presidente Dutra, à aproximadamente 150 km da capital, e também apresentar uma breve história envolvendo a sua descoberta e conquista.

Há cinco anos e meio, quando comecei a escalar, conheci a falésia do Zé vermelho e falei para um dos seus conquistadores, Paulo Menezes: "Paulão, isso aqui é o paraíso". Ele profeticamente retrucou: "Não, o paraíso é outro lugar, perto daqui, você vai ver véio!" Não muito tempo depois, fui com ele e outros escalar nas rochas do seu Cota, de onde avistamos o que hoje chamamos de falésia Paraíso, naquela época o acesso à ela era proibido, porém, já haviam sido conquistadas duas ou três vias antes da proibição.

As primeiras conquistas.

Comecei escalar com o Fernando Barros, que sempre teve uma queda por conquistar vias, esta sua característica despertou o mesmo em mim, tendo sido intensificada depois que conheci Cláudio Medeiros e o Paulão. Com Fernando, sob a orientação do mestre Marcelo Medeiros e Alexandre Conde, ex-aluno do Eliseu Frechou, experientes escaladores e conquistadores, abri a primeira via de escalada (*Hematófagos*, VI+ com 25m, 13 Ps) na Pedreira Itaguaçu em Aparecida, onde conquistei mais outras quatro, adquirindo uma boa experiência. Cláudio e Paulão já eram muito mais experientes, basta citar que os dois praticamente conquistaram todas as vias do Zé vermelho.

A primeira decepção

Quando completei dois anos e meio de escalada, após ter visitado uma falésia em Guaratinguetá (falésia dos Viciados), com a permissão de um de seus proprietários. Com Fernando, convidei Paulão e Cláudio para "enchermos" a falésia de vias esportivas e clássicas. Os dois toparam no ato e em pouco tempo eu, eles, Fernando, e outros colaboradores, usando talhadeiras manuais e grampos P de fabricação própria do grupo, conquistamos 15 vias em aproximadamente 4 meses de árduo, porém divertido, trabalho. Havíamos combinado que liberaríamos a falésia ao público quando tivéssemos 20 vias prontas, cujos croquis seriam disponibilizados juntamente com as regras de uso. Faltava finalizar 3 e conquistar mais 5 vias, o que não demoraria muito, foi quando tivemos a nossa primeira grande decepção com este esporte, o mesmo proprietário das terras, que antes nos houvera permitido, simplesmente chegou para nós em um dos dias em que subiríamos com os equipamentos e disse: "Não queremos mais que vocês vão à pedra. Subam hoje, retirem seus pertences e jamais voltem." Perguntei se nós ou algum outro escalador havia feito alguma coisa que os proprietários considerassem errado. Ele disse que não, o problema era a nossa presença que assustava as vacas, e por isso não era para ninguém mais subir à falésia. Fiquei muito deprimido e com raiva, mas a terra é deles e assim sendo, obedecemos. Tentamos várias vezes conversar, negociar etc, mas foi em vão. Nunca mais voltamos lá. Confesso ter uma enorme vontade de voltar. Quem sabe um dia possamos!

A segunda decepção

Imediatamente, apontamos nossas talhadeiras para outra falésia, a falésia do Pesqueiro, que fica no Ribeirão Grande em Pindamonhangaba, próximo à Paraíso. Infelizmente, alguns companheiros de conquistas não suportaram a dolorosa decepção da falésia anterior e desanimaram, mas eu, Paulão e Cláudio fomos conversar com a dona do pesqueiro de frutas do Ribeirão Grande, parente dos proprietários das terras onde está a falésia. Após fixar algumas restrições de uso, ela permitiu-nos fazer as conquistas, que iniciamos no final de 2009 animados com o apoio da sempre presente dona do pesqueiro, uma das regras era pedir permissão toda vez que subíssemos. Nesta etapa o Ricardo Reis e o Carlos Camilo juntaram-se a nós e com eles compramos uma furadeira de 36V, diga-se de passagem, muito boa, que foi fundamental. Mal começamos a usar a furadeira e já estávamos com umas 5 vias prontas quando então veio a segunda decepção. A dona do pesqueiro, proibiu-nos de continuar o trabalho que antes era incentivado. Ela disse que era por motivos familiares e seria apenas temporariamente, mas novamente para nós tudo ruiu.

Finalmente o Paraíso

Naquele mesmo dia, que eu não estava presente, Cláudio e Paulão subiram à falésia, retiraram todas as coisas e resolveram ir à Paraíso, que até então estivera fechada por muito tempo. Eu nem sabia o que ocorrera, quando Paulão ligou, contou da proibição

do Pesqueiro e disse: "Essa última proibição foi a melhor coisa que nos aconteceu, pois, lembra do Paraíso? Fui com Cláudio dar uma volta por lá, encontramos Marcão, dono da terra que dá o acesso, e ele disse que agora não está mais arrendada e está liberada, entramos no local e piramos.Prepare-se para conhecer a falésia que faz juz ao nome."

Após ouvir o empolgado relato do Paulão tomamos a decisão de investir lá, e no fim de semana seguinte, fomos com a furadeira, os Ps etc, iniciando um frenético trabalho, que nos fins de semana e feriados de 4 meses, deixou um saldo de 30 vias que vão desde V à possíveis IX ou X graus. Até agora são 32 vias e aproximadamente 40% delas ainda estão sem cadena, o grau mais alto confirmado é um VIIIb, ou seja, sobram só as cascas grossas, pois, as fáceis já foram encadenadas. As vias mais curtas medem 15 m e as mais altas 30 m, outras características interessantes são a quantidade de vias de grau VII sendo até agora 12, quase 40%, e o fato de que a caminhada do estacionamento até o local de escalada dura menos de 15 minutos.

Os setores e as vias

O primeiro setor em que investimos foi o setor Visual, que tem este nome por proporcionar um belo visual de sua base. Neste setor, situam-se as vias mais curtas e as mais longas conquistadas até agora. Um destaque se dá para vias nomeadas em homenagem as "patroas" que estiveram no pico logo no início das conquistas, são elas: *Denise em crise*, *Heloiça na brisa* e *Renata ingrata*, as duas primeiras, as mais fáceis, V+, são as mais frequentadas. Outro destaque é a via *Chang Wei*, nomeada assim em homenagem à Chang, protagonista do triste fato que todos conhecemos e comentávamos no dia em que conquistamos a via, é um dos mais

belos VI+ que já escalei, com um balcão fantástico no final, e vale a pena ser sempre repetido. O setor buracos recebe o nome por causa óbvia. Destaca-se uma linda via chamada *Tiradentes*, VIIb, que começa de forma técnica, passa por umas caverninhas contendo água, por um tetinho onde está o crux que termina em uma pinça que parece ser artificial.

O setor Cânion, nome também óbvio, possui até agora as vias mais duras, suas raras "fáceis" já encadenadas são a *Rolling Stones* VIIb, via muito técnica, e a *Chaminé 4x4*, outro belo VI+ que rivaliza em beleza com a *Chang Wei*. Vale ainda falar da via *Bolacha Maria* composta de muitas formas diferentes de agarras, partes negativas, com pouco descanso, exigindo ao mesmo tempo técnica e força.

O setor Boas vindas, por estar na chegada, possui as primeiras vias conquistadas do pico antes das sua proibição: *Marimbondos Defumados*, VI+ mista, e a *Cinturão galático* V+ com esticão no final. Destacam-se neste setor duas vias, a *Dá no ninho* que trata-se de um VIIb de resistência. Seu início não é óbvio, tem um crux com regletes em um tetinho, finalizando em uma sequência de regletes bons, mas que pegam pelo cansaço, e a *Aresta Arisca*, graduada em VIIa, constituindo de um pilar que se transforma em um teto com boas agarras, porém com movimentos não óbvios que requer uma boa resistência.

Outros setores

Existem vários outros setores a serem explorados e que com certeza reservam muitas surpresas agradáveis. Acreditamos que esta falésia tenha um potencial para comportar no mínimo 150 vias, restando-nos ainda muito trabalho e investimento. A falésia possui setores distribuídos em terras com diferentes proprie-

tários, e isso reforça um dilema que nos assombra mais intensamente à medida em que trabalhamos: Como garantir que tanto investimento e uma excelente opção de lazer para a acahnada comunidade de escaladores não seja mais uma vez fechada pelos proprietários? À medida em que conversávamos com o Marcão durante as subidas e descidas à falésia, uma possível resposta a este dilema surgiu ao propormos a ele que todos que lá fossem para escalar deveriam pagar uma taxa diária, que fixamos em R\$ 3,00. Inicialmente ele se recusou qualquer dinheiro, disse que era um prazer receber-nos lá, mas insistimos, até que ele, sabendo que o Renato, zeloso dono da maioria das terras onde se encontram os setores da rocha, estava preocupado com a nossa presença, resolveu oferecer-lhe a metade do que arrecadasse. Assim foi feito e ele nos comunicou que o vizinho ficou muito feliz ao receber, mesmo que fosse pouco dinheiro, e que agora nós éramos bem vindos por ele também. Assim, a solução do dilema está, em parte, garantir que os proprietários tenham algum ressarcimento ao aborrecimento que a nossa presença em suas propriedades possa causar, e também, garantir que as regras de limpeza, respeito, segurança, silêncio, ética, etc sejam respeitadas no local. Nada mais justo. Claro que isso não garante que tenhamos para sempre a disponibilidade do local, mas com certeza, minimiza muito a probabilidade de uma nova proibição. Talvez este seja o caminho para reabrirmos os outros picos que foram fechados. Até agora os que foram lá contribuíram e fizeram com que a coisa começasse com o pé direito, tomara que continue assim.

Regras para uso da Falésia Paraíso

São as seguintes as regras negociadas com o proprietário.A manutenção e disponibilidade do

pico dependem do empenho da comunidade de escaladores em respeitá-las.

1. Cada pessoa deverá pagar R\$ 3,00 por dia. Se ninguém estiver na casa do sítio (casa do Marcão) jogar o dinheiro no vitrô da porta da cozinha. Não deixe de contribuir, pois corremos o risco de não poder mais escalar nesta falésia.
 2. Trazer de volta todo o lixo.
 3. É possível acampar mediante pagamento diário de R\$10,00 por pessoa. Reservar antecipadamente por telefone (contatos abaixo).
 4. Proibido fazer fogueiras.
 5. Não deixar veículos na entrada do sítio. Para acessar o estacionamento deve-se abrir a tronqueira, passar a ponte e deixar o veículo próximo ao pé de Graviola (ao lado direito da segunda tronqueira, fora da estradinha).
 6. Não fazer muita algazarra e nem assustar os animais do sítio.
 7. Deixar as porteiiras e/ou tronqueiras como estavam ao chegar.
 8. Tente evitar, mas caso desejem fazer necessidades fisiológicas, enterrar os dejetos e papel higiênico.
 9. Não mexer nos materiais que estão na falésia, pois estes pertencem aos conquistadores.
 10. Quando for embora, não deixe os cachorros irem para a estrada.
 11. Proibido conquistas sem autorização do proprietário e conquistadores.
 12. Não levar animais.
- Mais informações:
Croquis, fotos, mapas, localização no blog – <http://faleiaparaíso.blogspot.com/>
Inácio – inacio.bianchi@gmail.com
Paulo – paulo@kte.com.br
Cláudio – cucamed@gmail.com
Ricardo – ricardo@utilizi.com.br
Carlos – carlos.a.camilo@terra.com.br
Solicite o telefone do proprietário através dos e-mails acima.

www.halfdome.com.br

Venha se equipar na HalfDome - As melhores marcas ao seu alcance - Venha se equipar na HalfDome - As melhores marcas ao seu alcance

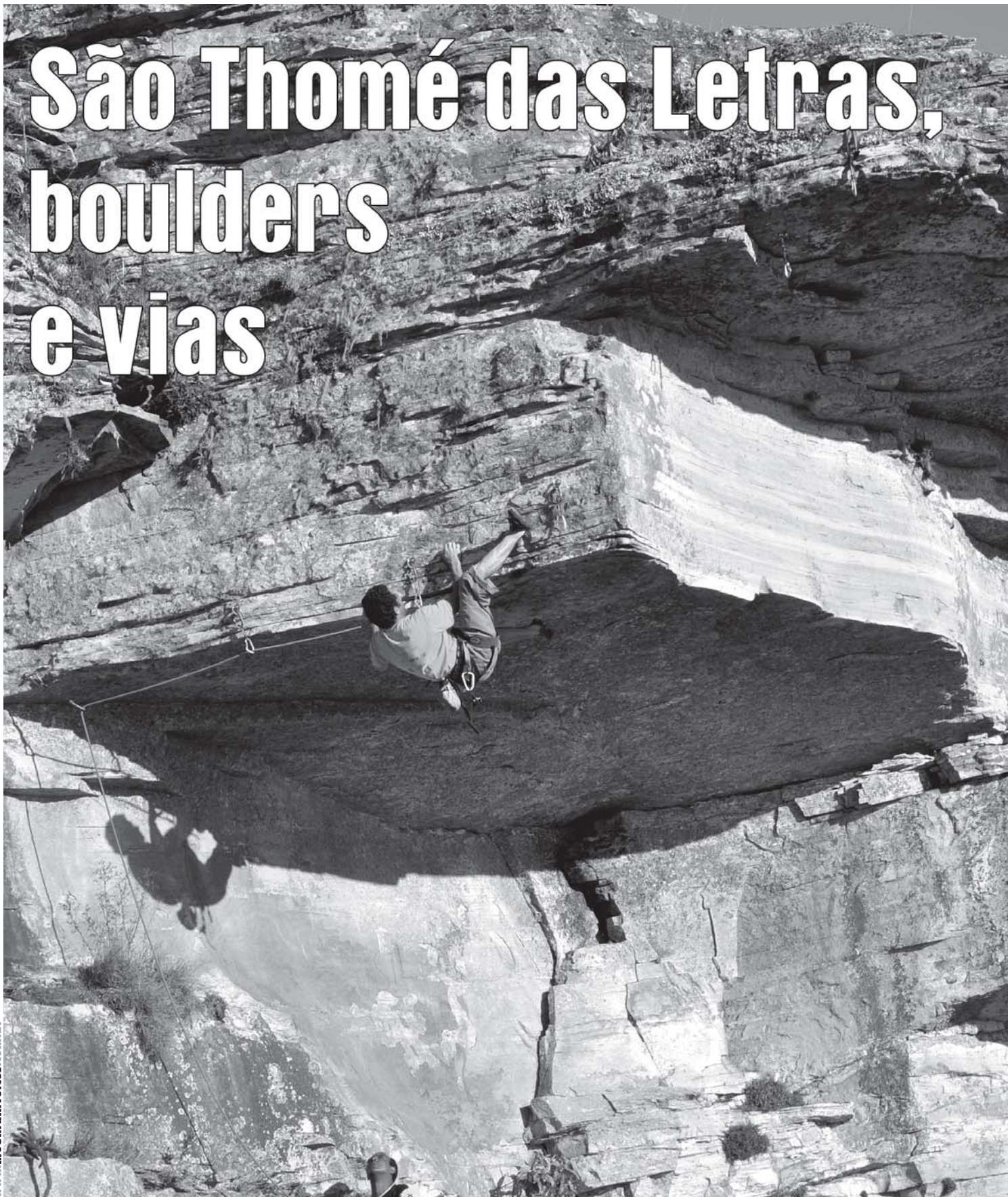
Al. dos Nhambiquaras, 946
São Paulo - Moema
Tel.: 11 5052-8082

Variedade de equipamentos para as rotas mais técnicas

Você encontra aqui!

www.casadomontanhista.com.br
(41) 3232-0700

CASA DO MONTANHISTA



São Thomé das Letras é uma cidade rodeada por pedras, aliás, um quartzito da melhor qualidade, que leva o nome da cidade à todos os cantos deste Brasil. Mas não é pela mineração da pedra de São Thomé que este município mineiro vem sendo conhecido nos últimos três anos. É pela escalada. Sim, o que era antes extraído, agora vem se transformando em riqueza e atraindo gente do Brasil e exterior. Logicamente que, em datas anteriores, ocorreram algumas atividades relacionadas a escalada em nosso município, mas tomamos como início da prática da escalada em rocha na Serra das Letras, no ano de 1998.

A partir de uma série de tentativas não muito bem sucedidas de escalar certos blocos, Cauê Bonfim Zago e Fabiano dos Santos Lopes, sem conhecerem nada sobre escalada, decidiram treinar em outras pedras mais fáceis a fim de adquirir condicionamento físico para conseguirem superar o que seria o primeiro dos problemas para eles.

Daí em diante deu início a uma sucessão de escaladas com abertura de rotas de 3º a 5º grau em solo e por não conhecerem as técnicas nem os equipamentos de segurança e sem qualquer logística, muitas vezes entravam em grandes roubadas. Com o tempo Valdeci de Andrade entrou para a turma, adquiriram alguns equipamentos, aprenderam as técnicas de segurança na escalada e desde então novos boulders e novas vias são abertas frequentemente.

Novos tempos

Contudo, percebemos dia após dia o imenso potencial existente aqui em São Thomé para a prática da Escalada em Rocha. E foi justamente essa visão do potencial inexplorado, que nos impulsionou a trazer de alguma maneira, novos escaladores para cá, e assim, com a troca de informações e idéias, transformar nossa cidade em um novo point de referência no cenário nacional da escalada de boulder.

O tempo passou, novos escaladores surgiram, muitos boulders e vias foram abertas e o esporte começou a ser desenvolvido de forma organizada. Hoje, em São Thomé das Letras, já foram realizados 3 festivais de Boulder, tem mais de 250 boulders e aproximadamente 25 vias esportivas abertas e catalogadas.

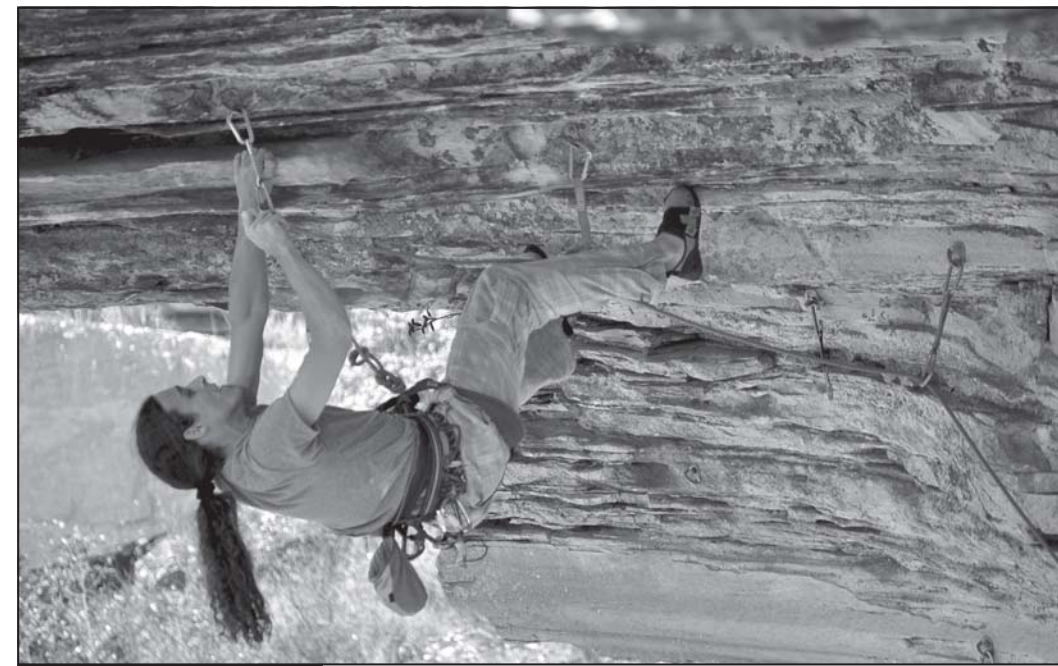
O 3º Festival de Boulder, organizado pela Primitivus Ecoaventura através dos escaladores Pedro Flauzino e José Roberto "Rato" Martins Jr., foi realizado nos dias 7 e 8 de agosto de 2010, no Parque Municipal Antônio Rosa e contou com a

participação de mais de 200 escaladores, dentre eles alguns renomados como Eliseu Frechou, Felipe Camargo (Pikuira) e o norte americano Jon Cardwell. O apoio da Prefeitura e o esforço dos escaladores tem sido recompensado na forma de uma crescente presença da comunidade ao evento, e pretendemos a cada edição, fazer um encontro melhor para que esta data se torne um dia de reunião de escaladores que curtem a alegria da escalada esportiva.

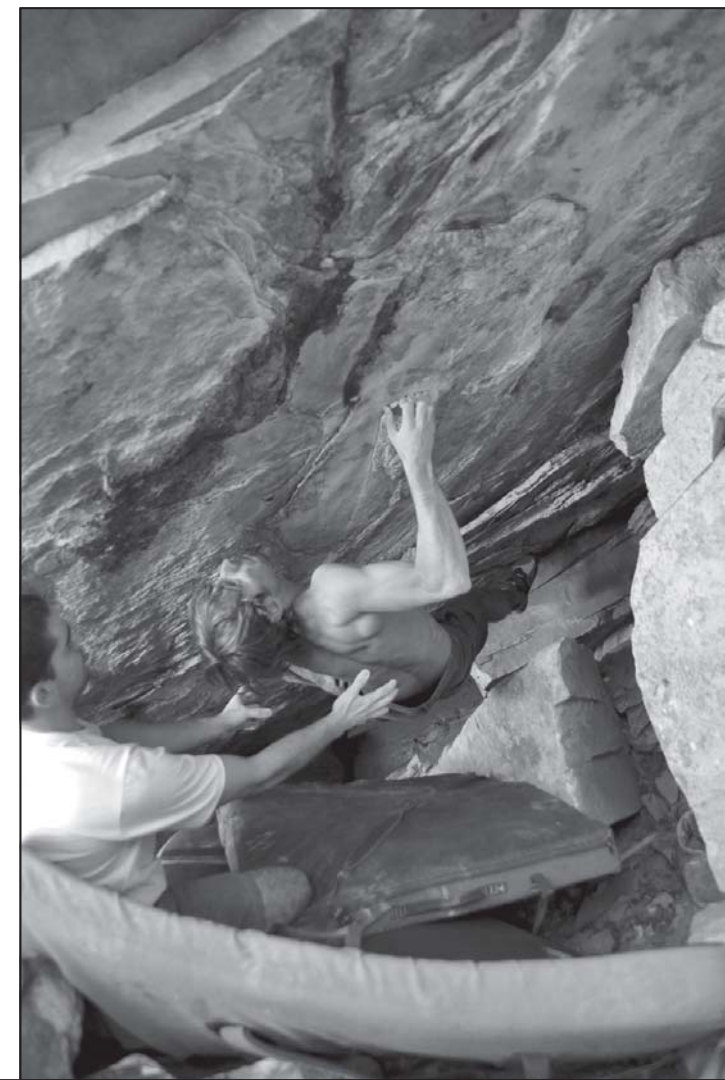
São Thomé das Letras está localizada no sul de Minas Gerais e fica próxima da cidade de Três Corações, perto também da rod. Fernão Dias. Dista cerca de 355km de São Paulo, 330km de Belo Horizonte e 460km do Rio de Janeiro.

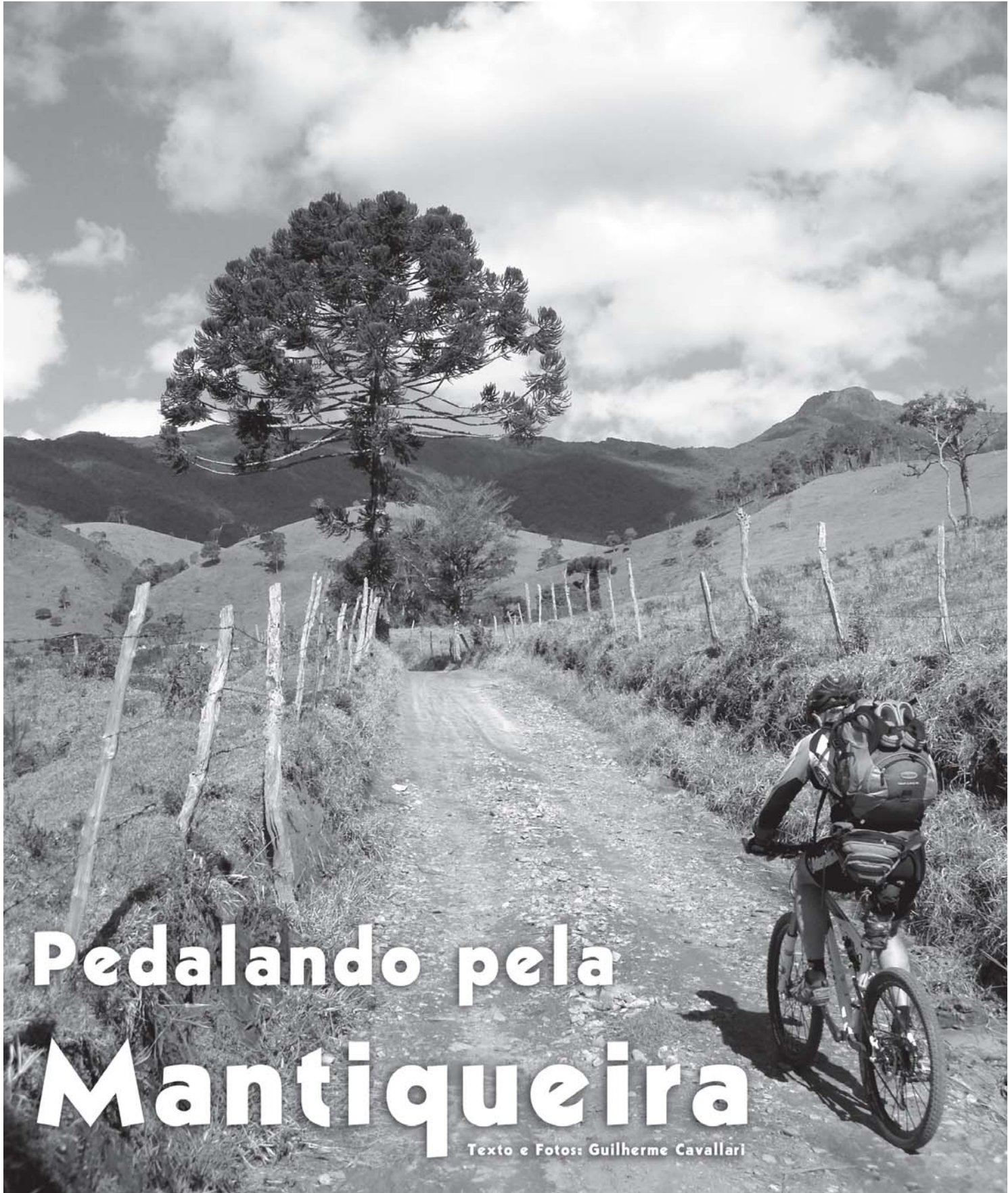
A cidade possui uma grande rede hoteleira e várias pousadas. Por ser uma cidade turística, existe toda uma infra-estrutura direcionada ao visitante, e que favorece os escaladores, já que a maioria dos setores de escalada está bem próximo do centro, e pode ser acessado sem necessidade de automóvel.

Traga seu crash pad, e se for fazer rotas esportivas, não são necessárias muitas costuras. Entre em contato conosco pelo site www.primitivus.com.br e teremos o maior prazer em informar a condição das escaladas daqui.



◀ Fabiano Lopes na *Ventania, 7c*.
▲ Felipe Guimarães na *De ré para trás, 7a*.
▶ "Ligeirinho" Mastrocola trabalhando um V12 no setor Guardiã.





Brasileiro costuma ter complexo de inferioridade quando o assunto é montanhismo. Não é que não temos montanhas, mas elas são “nanicas” quando comparadas aos Andes, ao Himalaia, ou mesmo aos Alpes. É uma questão quantitativa, não qualitativa. Nossas montanhas carecem de altitude, mas não carecem de qualidade. Não existe montanha “melhor” ou “pior”, existe apenas a expectativa do montanhista. Expectativa gera ansiedade, que por sua vez é prima-irmã da frustração. Quando conseguimos olhar a montanha como ela realmente é, limpa da nossa expectativa, evitamos ansiedade e frustração e descobrimos que toda montanha é única. Toda montanha é incomparável. Eu me incluo na crítica. Desde que comecei a pedalar por trilhas, em 95, sonhei em realizar grandes aventuras de bike... Cruzar a Suíça pelos Alpes, percorrer a Carretera Austral na Patagônia chilena, fazer a Rota da Seda de Marco Polo, percorrer as Montanhas Rochosas nos Estados Unidos, etc. Demorou um tempo até eu incluir roteiros nacionais na minha lista de desejos de aventura. Era como se o mundo fosse repleto de oportunidades e o Brasil, vazio. Em 2001 decidi pedalar de São Paulo a Petrópolis em uma tandem (bike dupla), com um amigo, carregando nosso equipo de escalada em rocha em um trailer de bike acoplado à traseira da magrela. Partimos da Serra da Cantareira, na divisa entre as cidades de São Paulo e Mairiporã. A idéia era escalar picos ao longo do caminho. Escalamos no Guaraiúva, subimos a via normal do Baú, fizemos a Pedra do Picu e o mal tempo nos impediu de escalar o Dedo de Deus. Foram 800 quilômetros de bike e conseguimos conectar as regiões das duas maiores metrópoles do país por estradas de terra. Fiquei enlouquecido com a região, quase toda na Serra da Mantiqueira. Acordei para as possibilidades do Brasil como destino de aventura internacional. Nascia o embrião da cicloMANTIQUEIRA.

Ano passado, 2009, depois de oito anos como autor e editor de livros com roteiros de aventura, retomei o projeto de criar um mega roteiro de mountain bike brasileiro, capaz de concorrer em pé de igualdade com os melhores percursos do mundo. Nenhuma ousadia, eu sabia que havia o potencial. Quase um ano de trabalho e o resultado foi um livro com 1.168 quilômetros de trilhas minuciosamente mapeadas, conectando toda a Serra da Mantiqueira. Um roteiro circular e ininterrupto de 30 dias de duração, desenhado na forma de quatro anéis interligados, com a cidade de Extrema em uma ponta e o distrito de Ibitipoca na outra. Como o circuito conecta cidades, vilas e distritos, todos com alguma estrutura de turismo, o aventureiro não precisa levar barraca, saco de dormir, fogareiro e comida na bike – o que facilita muito e torna o percurso

mais acessível. O ciclista também pode optar por fazer o roteiro em etapas, perfazendo um anel por vez se não tiver 30 dias disponíveis para pedalar. Quase não há asfalto no percurso, só para entrar e sair de cidades maiores. As estradas de terra e trilhas estreitas (singletracks) que compõem a cicloMANTIQUEIRA passam ao lado de ícones naturais da região, como a Pedra do Baú, o Parque Nacional do Itatiaia, Agulhas Negras, Pico dos Marins, Pico do Itaguaré, Pico da Pedra da Mina, Pedra do Picu, Pedra Selada, a Cachoeira da Fragária, o Pico do Papagaio, o Parque Estadual de Ibitipoca, Cachoeira dos Pretos e vários outros. Isso tudo faz da cicloMANTIQUEIRA o maior circuito de mountain bike do Brasil e um dos maiores e mais belos do mundo. Fiz todo o mapeamento em mountain bike, um anel de cada vez, quase todo o tempo sozinho.

Dia 2
No dia2 da cicloMANTIQUEIRA dormi em Monte Verde. Quando viajo de bike, levo tudo em uma pequena mochila de 30 litros... Algumas ferramentas para consertar eventuais problemas mecânicos, uma muda de roupa reserva para usar fora da bike, meu kit de banheiro, um mini kit de primeiros socorros, jaqueta impermeável, algumas barras de cereais, três litros de água em um sistema de hidratação com mangueira, os mapas do trajeto, máquina fotográfica digital e GPS. Fazia bastante frio. Decidi comemorar o início da aventura com um jantar regado a bom vinho tinto em uma excelente cantina italiana. Fui ao restaurante chique vestindo um calça legging de nylon azul turquesa, uma camiseta laranja super fina em tecido sintético, meias grossas de trekking puxadas por cima da legging até o meio da canela e um par de sandálias Crocs também laranja. Para me proteger do frio eu usava minha jaqueta impermeável de Gore Tex azul marinho e um gorro de fleece ferrugem. Roupas técnicas de aventura, escolhidas pela praticidade, leveza e eficiência. Preocupação zero com a moda. Eu parecia um alienígena no meio dos demais clientes do restaurante – caiais passando um final de semana romântico na montanha. A garçonete torceu o nariz quando me viu e acabou me instalando em um canto escondido, para não espantar a freguesia. Mas acho que diverti a platéia e devia ter cobrado couvert artístico. Depois de descer a montanha de Gonçalves a São Bento do Sapucaí, no dia 4 da ciclo MANTIQUEIRA, parei para dar um abraço no Eliseu Frechou. Essa descida é uma das mais vertiginosas do circuito, daquelas de fritar as pastilhas dos freios. São 650 metros de desnível em menos de seis quilômetros, do Campestre ao Serrano. Eu vinha descendo a milhã,



derrapando nas curvas, esquiando sobre as pedras soltas, saltando valetas, sentindo o vento frio queimar meu rosto e mãos, cuidando para não errar a linha de descida e virar carne moída, mas não conseguia deixar de olhar a Pedra do Baú no horizonte. Desse ângulo ela é um quadrado perfeito, uma coroa em cima da montanha. O Eliseu não pedala. Ninguém é perfeito. Mas ele entendeu o conceito por trás do roteiro. Ele mora na Mantiqueira e não precisa ser apresentado aos encantos naturais da região. Almoçamos juntos e ele me entrevistou para seu blog. Ele e eu fizemos a opção, anos atrás, de transformar nossas paixões pela aventura em profissão e estilo de vida. O projeto de pedalar toda a Serra da Mantiqueira, ida e volta por caminhos diferentes, soou para ele tão lógico e positivo quanto soa, para mim, encerrar os paredões de granito de Cochamó, na Patagônia chilena.

Dia 11
No dia 11 da cicloMANTIQUEIRA, de Itamonte a Maringá, distrito de Visconde Mauá, passei horas empurrando a bike por um lamaçal. Uma trilha erodida, estreita, cavada por patas de cavalos e pneus de motocicletas, incrustada na mata cerrada. Miseros cinco quilômetros que me custaram quase três horas de suor. Esse é o dia mais longo do circuito, com 91 quilômetros. Perto de anoitecer, decidi dividir o percurso em dois dias e pernoitei à beira do Rio Aiuruoca, próximo de sua nascente em Itatiaia, em uma das várias pousadas no caminho. Dormi em uma cabana de madeira, com a lareira acesa, numa enorme cama de casal com lençóis impecáveis, ouvindo o barulho do rio. Eu e minha bike no quarto. Depois de um longo dia de esforço, esses pequenos luxos não têm preço. No mesmo trecho do roteiro, mas no dia seguinte, parei em um boteco na minúscula Santo Antônio. Fazia um calor infernal e era meio-dia. Pedi um Gatorade. Não tinha. Pedi água mineral com gás. Não tinha. Sem gás? Nada. Pensei em tomar uma Coca-Cola, mas nem isso tinha. Injuriado, perguntei se tinha cerveja e pinga. Ah, isso tinha! Para escolher! Nisso entra o bêbado local (toda cidadezinha assim tem um bêbado de plantão aos finais de semana), pede uma pinga, mata o copo, pede outra, fala uma grosseria para uma mendiga que entrou no bar para pedir esmola e puxa conversa comigo, a dois palmos de distância do meu nariz. Ele queria saber quem eu era, da onde eu vinha, para onde eu ia e, principalmente, quanto valia a minha bike. Achei essa última pergunta particularmente estranha. Eu já estava mal humorado pela falta de opções de bebida e, confesso, tenho preconceito contra bêbados inconvenientes. O cara era maior que eu, devia ter quase 1,90 de altura e pesar uns cem quilos. Talvez por isso tanta inconveniência, ele devia se sentir invencível. Normalmente sou calmo e pacífico, mas quando percebi minha resposta foi: “Não te interessa quanto vale minha bike”, olhando fundo nos olhos mareados. O bêbado enrijeceu o corpo. Vi que ele tentava avaliar a situação e decidir se pulava em cima de mim ou não. Ficamos alguns segundos nos olhando sem piscar. Finalmente ele se decidiu e optou por simplesmente me xingar. Nada muito ofensivo, papo de bêbado. Eu continuava encarando e esperando. Mais insultos e o bêbado saiu do bar, entrou em um carro, ligou o motor e saiu cantando pneus. Na esquina ele fez um retorno e passou novamente na frente do bar, olhar fixo em mim. Alguns minutos depois, quando montei na bicicleta para seguir viagem até Maringá, caiu a ficha... O cara podia estar me esperando sair de bike para se vingar e me atropelar nas estradas de terra desertas da região. Paranóia... Pedalei uns dez quilômetros olhando para trás a cada cem metros, ouvidos atentos ao menor ruído de motor. Fiz planos de emergência, imaginando como escapar do possível ataque... Eu jogaria a bike e pularia a cerca de arame farpada na beira da estrada...

Obviamente nada aconteceu, o cara provavelmente só mudou de bar e continuou bebendo e incomodando os outros o resto do dia. Essa é a diversão “normal” em boa parte do interior do Brasil.

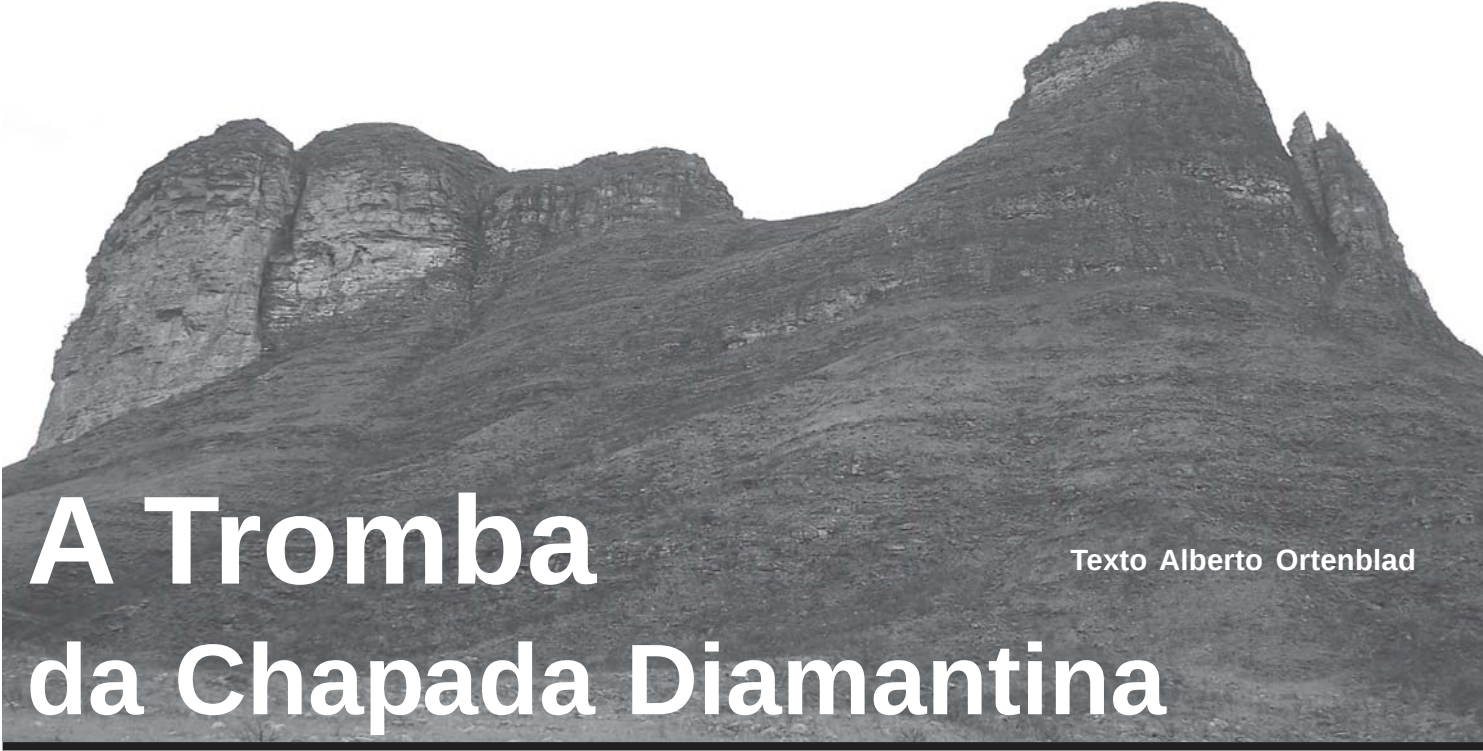
No DIA 16 da cicloMANTIQUEIRA, quando cheguei a Conceição do Ibitipoca, já havia pedalado mais de 600 quilômetros e estava na extremidade oposta do percurso. Foi engraçado, eu sabia que daquele momento em diante eu estaria “voltando para casa”, que ali era a metade do percurso, mas havia também a possibilidade de estender o roteiro e pedalar para leste ao invés de voltar para sudoeste, para São Paulo. Era como se o mundo fosse todo conectado por trilhas e bastaria eu seguir pedalando em uma direção para dar a volta no planeta. Quem pedala 600 km também pedala 6.000 ou 60.000. Mas eu resisti à tentação, infelizmente.

Como fiz o mapeamento em etapas, cumprindo os percursos dos quatro anéis que compõem a cicloMANTIQUEIRA, minha expedição de mapeamento terminou em Aiuruoca, no DIA 20 do circuito. Acho que sou um cara escolado em bike, afinal tenho 10 livros publicados com roteiros de mountain bike que, juntos, somam quase 6.000 quilômetros de trilhas percorridas e mapeadas exclusivamente por mim. Também fui mensageiro de bicicleta em Berlim, Alemanha, por um ano e meio, quando pedalava em média 100 km por dia, no inverno de 20 graus negativos e verão de 30 positivos. Durante vários anos participei de competições duras de mountain bike, por terrenos difíceis, dias a fio, inclusive em provas de Corrida de Aventura virando a noite em cima da bike. Mas completar a cicloMANTIQUEIRA teve um peso emocional extra e não contive as lágrimas. Sentei na padaria da praça da matriz, tomei um Gatorade (dessa vez tinha) e comi meia dúzia de pães de queijo enquanto as lágrimas escorriam no meu rosto. Para disfarçar eu não tirei os óculos escuros. Para dizer a verdade, acho que nem tirei o capacete... Ainda bem, assim ninguém me reconhece se eu voltar lá.

Espírito de aventura
Mas duvido que alguém complete esse percurso e não se sinta emocionado. Trinta dias de pedal, 1.168 quilômetros, três estados, dezenas de municípios, milhares de metros subidos e descidos pelas montanhas da Mantiqueira acabam por cobrar sua taxa. É duro voltar para a rotina da cidade grande depois de ver tanta natureza, tanta beleza, tanta gente simpática e acolhedora, depois de vencer distâncias e obstáculos com nada mais que a força de seu corpo e sua vontade. Tudo isso com a humildade e a simplicidade que a bicicleta traz. Isso, para mim, é o espírito da aventura, a alma do montanhismo. E para manter as coisas no plano prático... Mais vale uma Mantiqueira à mão do que dois Andes voando! Está lançado o desafio, você encara essa experiência?



Guia de Trilhas cicloMANTIQUEIRA
Guilherme Cavallari
Kalapalo Editora - 2009
128 páginas - R\$ 39,00
ISBN 9788588493063
Mais informações e para adquirir o livro:
www.kalapalo.com.br



Depois de seis anos, voltei à Tromba e pude enfim conhecer o seu interior, protegido pelas duas paredes que formam este impressionante cenário rochoso. A Tromba é um conjunto de duas serras retilíneas que convergem num vértice desafiador, à semelhança da proa de um navio. Embora esteja na Chapada Diamantina, a Tromba quase não é até hoje visitada.

Introdução

Minha primeira experiência com a Tromba aconteceu em 2003, quando ia para Catolés, na região da Chapada Diamantina, para conhecer a Serra do Barbado, ponto culminante do Nordeste. Naquela ocasião, ela me pareceu a proa rochosa de uma enorme embarcação singrando a caatinga em minha direção, como escrevi então no MV. Nunca mais a esqueci e acabei voltando lá em 2009, com o propósito de vencer a parede e conhecer o seu interior. Mas fui impedido pelo mau tempo que a encobria completamente, de forma desanimadora. Agora, no verão de 2010, fui finalmente capaz de realizar meu sonho, pelo menos em parte, como você saberá a seguir.

A Tromba

Mas, você perguntará, qual a razão de tanto assombro por um relevo que sequer é tão alto e que é tão pouco conhecido? Bem, a Tromba é uma formação diferente de qualquer outra da Chapada: é um grande conjunto de duas serras que correm como paredes retilíneas, convergindo num vértice impressionante e ameaçador. A serra a oeste chama-se Cravada e a leste, Tromba. São paredes escuras em

quartzito, cada qual com 20 a 25 km. Suas cristas são onduladas, apresentando dois picos pontudos na região do vértice, sendo o maior acima de 1.700m. A altitude média das cristas é da ordem de 1.600m, bem significativa para a região. Mas o que contém no seu interior este triângulo de pedra? Você verá que dentro da Tromba correm os chamados gerais, campos planos a 1.300m de altitude. É neles que nasce o Rio de Contas, correndo no sentido norte, antes de seguir rumo à sua foz em Itacaré, no distante litoral baiano. Calculo que este imenso conjunto tenha mais de 9 mil ha. São campos um tanto áridos, recobertos de gramíneas (em geral, o capim lance-ta), plenos de flores das mais variadas cores e formas, em cujas encostas altas aparecem arbustos, como o alcaçuz e a pimentinha, e mesmo árvores, como o ingazeiro e o barbatimão. Apesar do aspecto áspero e sofrido, contém uma extraordinária diversidade de espécies vegetais.

A Vila de Piatã

A melhor vila para acessar a Tromba é Piatã, que fica num local sugestivo, no alto de uma colina exposta aos ventos e raios de um clima mutável. Piatã significa o canto triste de uma ave infelizmente já extinta. A cidade é das mais tranquilas que já conheci, apesar de sua população em torno de 20 mil habitantes.

Ela está fora dos dois pólos da Chapada Diamantina: de Lençóis dista algo menos de 200 km via Boninal e de Rio de Contas, pouco mais de 100 km via Abaíra. Talvez por isto a Tromba seja tão pouco conhecida. E, quem sabe, pelo frio que faz em

Piatã, considerada a cidade mais alta da Bahia.

A Trilha do Boqueirão

Existem pelo menos dois caminhos para penetrar no interior da Tromba, um pelo chamado Boqueirão e outro pelo próprio vértice (desconfio que haja um terceiro pelo outro lado da Serra Cravada). Descendo o asfalto de Piatã, você deve rodar por 6 km no rumo da Tromba, tomando a direita por mais 1 km. Neste ponto, você estará em frente a uma espécie de colo na serra, conhecido como Boqueirão. Aqui começa uma suave trilha calçada em pedras, que irá levá-lo aos gerais da Tromba. Ela passa pelos campos de cerrado ralo da região, com vegetação de capim e arbustos. Siga contornando e subindo uma serrinha à sua esquerda. Após menos de 1½ horas você estará numa encosta alta, cerca de 100 m acima dos gerais do Rio de Contas, que corre lá em baixo bem à sua frente.

Deste ponto você pode divisar todo o esplêndido vale no interior da Tromba. Esta é uma visão rara e emocionante, com um pacífico campo verde limitado no horizonte pelos sinuosos perfis da região dos Três Morros. Observe que à direita existem algumas plantações – seu acesso se dá por estrada que penetra na região pelo norte. Do local onde você está, serão mais 6 ou 7 km planos até a proa da Tromba, num percurso total de talvez 12 km.

A Trilha da Proa

O outro caminho é pela vila de Ouro Verde, aonde você chegará saindo de Piatã na mesma direção anterior, apenas rodando um pouco mais. Ao longo do cami-

nho, você irá vendo a escura proa da Tromba, emergindo imponente e desafiadora acima das colinas verdes que levam à parede. Será uma ascensão difícil, e por duas razões. A mata é fechada e pouco trafegada, com árvores grandes e muita vegetação baixa. Embora seu rumo seja óbvio, levará 2 horas para que você possa chegar à parede. Além disto, a subida é por uma íngreme diagonal seguindo à direita, com mais 2 horas de esforço, para vencer a ascensão de pelo menos 400m. Esta é uma visão que não tive: descortinar os gerais pelo vértice de cima, num panorama triangular que se abre no sentido do horizonte. Não pude subir a Tromba pelo seu vértice e aqui fica a sugestão de você entrar pelo Boqueirão, acampar nos gerais e descer pela proa, numa travessia de dois dias e cerca de 20 km.

Os Três Morros

Mais além, ao norte deste conjunto de serras, existem as sugestivas formações dos Três Morros e da Serra do Navio. São paredes muito bonitas em arenito estriado, recoberto por gramíneas. Você terá de rodar por carro uns 50 km ao todo, se quiser conhecê-las. Fico pensando que, junto com a Tromba, elas poderiam integrar um belo Parque, com uma área modesta de apenas 20 mil ha e um acesso relativamente fácil. Além de campos e morros, existem também cachoeiras, visitáveis por trilhas moderadas. São quedas razoavelmente pequenas, em paisagens rústicas e vegetação de cerrado, como as Cachoeiras do Coxó e do Patrício. Na secura do relevo alto de Piatã, podem lhe trazer um cansaço refrescante.

10ª Mostra Internacional de Filmes de Montanha

As inscrições podem ser feitas gratuitamente no site www.filmesdemontanha.com.br até o dia 20 de agosto de 2010.

As inscrições para a Mostra Competitiva da 10ª Mostra Internacional de Filmes de Montanha, que ocorrerá de 21 a 27 de outubro na capital carioca, vão até 20 de agosto. Podem ser inscritos filmes documentário, animação, ficção ou experimental em mídia digital, 16mm ou 35mm, de curta ou média-metragem, ligados à natureza, esportes ou cultura de montanha.

A escolha dos vencedores é realizada por um júri formado por esportistas, fotógrafos e diretores previamente selecionados pela organização do festival. Além do troféu Corcovado, serão fornecidos prêmios em dinheiro para o melhor filme e melhor diretor, eleitos pelo júri oficial. O regulamento e a ficha de inscrição podem ser acessados no site oficial: www.filmesdemontanha.com.br.

A Mostra é o mais importante festival do segmento no Brasil. Além de exibir filmes nacionais e estrangeiros, traz exposições de fotos, lançamento de livros e convidados nacionais para um debate com o público. Os filmes inscritos e selecionados concorrerão a R\$ 5.000,00 em prêmios e ao troféu "Corcovado" nas seguintes categorias:

Melhor Filme – júri popular e oficial
Melhor Diretor – júri oficial
Melhor Fotografia – júri oficial
Melhor Montagem – júri oficial

Este ano a Mostra de Filmes de Montanha faz 10 anos. "Para comemorar esses 10 anos de Filmes de Montanha, exibiremos pela primeira vez um longa-metragem em película. O filme é sobre o Reinhold Messner, o maior alpinista

de todos os tempos. Fala sobre a sua histórica escalada junto com o irmão no Nanga Parbat, montanha localizada no Himalaia.

10ª Mostra Internacional de Filmes de Montanha
Local: Rio de Janeiro, 21 a 27 de outubro de 2010 - Cinema Odeon
Sessões: 19h e 21h

Atividades

Mostra Competitiva – Filmes nacionais
Mostra Banff – Filmes estrangeiros
Mostra Alemã – Filme convidado: Nanga Parbat, de Joseph Vilsmaier
Exposição fotográfica – Caminho Teixeira em Cena, de Silvia Batalha e Luiz Paulo Leão
Lançamento do Guia de Escalada da Zona Sul e Ilhas Oceânicas, de André Ilha e Kika Bradford



Dedo de Deus



RESSOLE SUA SAPATILHA NA

- 15 anos de experiência no mercado
- Grade de formas novas, desenvolvidas especialmente para sapatilhas
- O menor prazo de entrega do mercado
- Ressolamos com XS Grip Vibram
- Pronta para sua cadena

ACEITAMOS SERVIÇOS DO BRASIL E EXTERIOR

Mais informações
www.bele.com.br ou
ligue para 11 82446672

A **Primus**, que produz fogareiros a mais de 115 anos, apresenta o fogareiro **ETA Express**, desenvolvido para quem quer leveza e desempenho num mesmo produto. Com 2600 W de potência, ele ferve a água em apenas 2,5 minutos!

www.primusbrasil.com.br

Uma fabulosa história da escalada em Capri



GERALDO "TITE" SIMÕES | SP

Bendito seja o Google! Estava procurando informações sobre escalada na Costa Amalfitana, no sul da Itália, quando achei uma verdadeira pérola histórica. Na ilhas de Capri e Anacapri podem-se encontrar centenas de falésias e blocos com vias de III a VIII grau abertas desde o ano 1930.

Nesta busca esbarrei em uma deliciosa história em Capri. Em meio ao mar de um azul inacreditável despontam dois enormes rochedos calcários chamados de Faraglioni (farolhões). São duas torres que lembram "Os dois Irmãos" de nossa Fernando de Noronha, só que mais altos e claros. O contraste da rocha branca sobre o fundo azul é uma pintura que encanta poetas e amantes desde o século V antes de Cristo.

No arquipélago de Capri vivem lagartos coloridos que sempre atraíram os cientistas e colecionadores. Especialmente um tipo de dorso azul que ocorre apenas nestas duas rochas. O problema era capturá-los porque estas rochas sempre foram ameaçadoras e poucos se arriscavam a subi-las.

Até que ao final da Primeira Guerra um grupo de alpinistas de Trento decidiu escalar os Faraglioni para capturar os famosos lagartos azuis de Capri (*podarci sicula coerulea*). Pegaram um barco e desembarcaram no Faraglione do meio, equipados com toda tralha de escalada: pitons, martelos, grampos, cordas, cintas e tudo que se usava naquela época.

Depois de duas horas de difícil escalada nos 108 metros de rocha chegaram ao cume, e o que encontraram? Michele,

um cientista biólogo, calmamente sentado com alguns lagartos já capturados. Diante do susto, os escaladores trentinos descobriram que Michele escalava com muita habilidade, usando apenas pés e mãos, sem nenhum tipo de equipamento. Subia e descia com mais facilidade do que qualquer escalador da equipe.



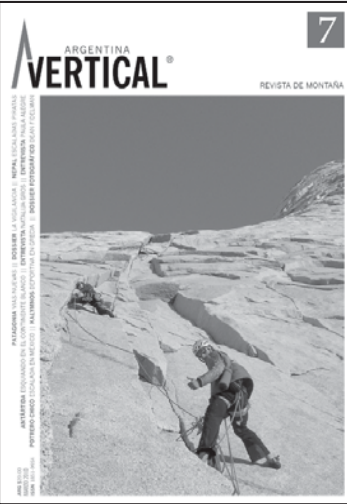
Depois de presenteados com alguns dos lagartos azuis, os escaladores trentinos voltaram para o norte da Itália contando a história do que se imagina ser o primeiro praticante de escalada solo da história, muito antes de esta modalidade se tornar moda na Califórnia no ano 1980.

Mito, ou não, de fato temos que a escalada em Capri é uma das mais belas do mundo. Nestas duas rochas que são o cartão postal da região encontram-se uma dúzia de vias que variam de II a VI graus, abertas a partir de 1926, segundo

o guia de escalada de autoria de Francesco Del Franco, disponível na internet.

Vertical Argentina disponível no Brasil

Caros amigos: Contamos que a partir de julho será possível conseguir Vertical Argentina aqui no Brasil! Nosso amigo JL Hartmann "Chiquinho" se encarrega da sua venda e distribuição por todo o país. Começamos a editar Vertical no ano 2008 com a idéia de difundir os esportes de montanha e as possibilidades desta atividade no nosso país e no mundo como ferramenta para motivar os desportistas a novas aventuras e a difundir o que fazem. Escolhemos um formato de alta qualidade para dar mais valor às imagens e um desenho moderno para facilitar sua leitura. A publicação é trimestral e cada número está focado em uma estação do ano. Depois de quase 20 anos na montanha e de haver consumido muitas revistas estrangeiras sentimos que era hora de fazer sair à luz uma boa revista de montanha que nos represente e mostre o que está acontecendo aqui no sul. Queremos agradecer especialmente a nossos colegas do Chile e do Brasil por nos motivar com seus respectivos projetos editoriais, às tentativas anteriores na Argentina para nos mostrar o caminho e a toda a comunidade escaladora que nos ajuda a seguir abrindo vias. Convidamos a todos a acompanhar nossas novidades em www.verticalargentina.com e a entrar em contato com Loja Campo Base para conseguir a revista no Brasil: Loja Campo Base R. Travessa da Lapa, 400 Curitiba, PR Fone 41-3093-5093 - loja@campobase.esp.br Número atual e anteriores custam R\$20,00



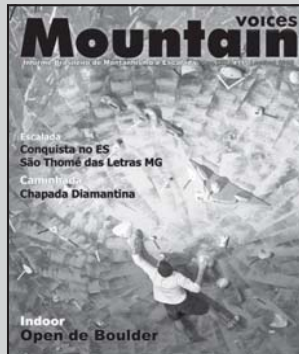
- Shape de alta performance em cauxo Prorider
- Lentes com 4 filtros anti reflexo biotransmutável
- Testado nos Alpes Suiços para esportes de alto risco

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

Editores: Eliseu Frechou, Vitor B. Frechou
Artur B. Frechou e Jorge B. Frechou.

Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Cesar Grosso no Open de Boulder no ginásio Campo Base, Curitiba - PR

Foto: Marcio Bruno Oliveira

Nome.....

Endereço.....

Cidade.....Estado.....

CEP.....Telefone.(.....)

E-mail.....

Idade Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....

Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
() Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

- () Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
() Renovação assinatura - R\$ 20,00
() Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
() Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
() Livro Com Unhas e Dentes - Sérgio Beck - R\$ 30,00
() Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00
() Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00
() Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00
() DVD Terra de Gigantes - R\$ 25,00
() DVD Lobotomia 2 Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
() DVD Lobotomia 3 do PE ao RS - R\$ 25,00
() DVD The Movie 1 - Itatiaia - R\$ 25,00
() DVD Karma - R\$ 25,00

Total00

115

Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores.
Compre nas lojas de montanha ou pelo site www.mountainvoices.com.br

LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2
Baú e Região



LOBOTOMIA 3
De PE ao RS



THE MOVIE #1
Itatiaia + Chapada Diamantina

Manuais de Escalada e Montanhismo



**Pedra do Baú
Itatiaia
Serra do Cipó**

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso



Equinox

A Mais Completa Loja de Escalada e Montanhismo da Web!

E com os melhores preços também!



**Saco de Dormir
Pluma de Ganso
Never Winter
Marmot**

**Venha Conferir:
loja.equinox.com.br**



Tênis Camp Four 5.10



Mochila Grande Leste Equinox



Sapatilha Verde Five Ten



Corde Performance 9,2mm Edelweiss



Fita Variwidth BD



Calça para Escalada Equinox



CONQUISTA

Em 2010 completaremos
20 Anos!

20 anos desenvolvendo
equipamentos para montanhismo,
contribuindo para a evolução do
esporte e mantendo nossa
Alma de Montanha.

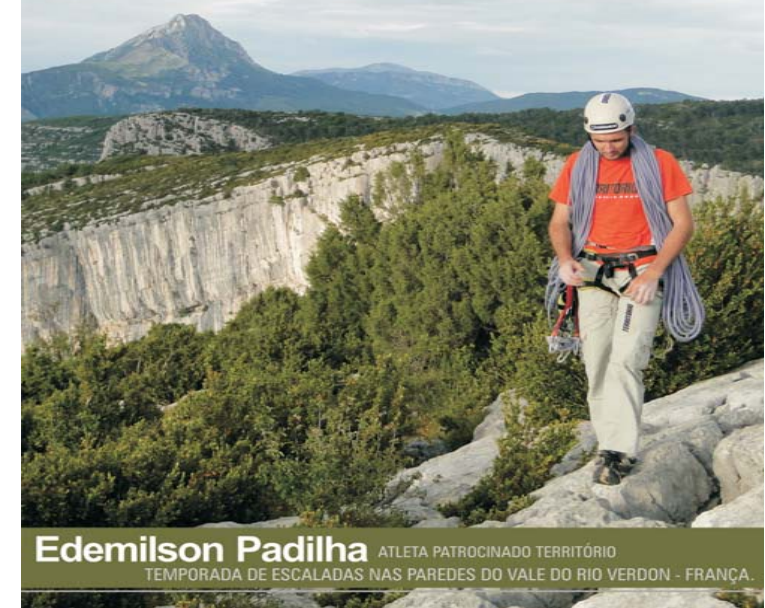
20 anos sendo fiéis a esta missão:
Proporcionar aos nossos Clientes
O Poder da Aventura!

**20 anos
CONQUISTA**

conquistamontanhismo.com.br

TERRITÓRIO
online.com.br

A MAIOR LOJA DE AVENTURA E ARTIGOS DE VIAGEM DO SUL DO BRASIL.



Edemilson Padilha ATLETA PATROCINADO TERRITÓRIO
TEMPORADA DE ESCALADAS NAS PAREDES DO VALE DO RIO VERDON - FRANÇA.